



**SILVIANO SANTIAGO E A LITERATURA COMPARADA HOJE: uma
teorização pós-colonial¹**

**SILVIANO SANTIAGO AND COMPARATIVE LITERATURE TODAY: A
Postcolonial Theorization**

**SILVIANO SANTIAGO Y LA LITERATURA COMPARADA HOY: Una
teorización poscolonial**

Edgar César Nolasco²

Resumo: O ensaio visa pensar na possível rubrica de uma Literatura comparada pós-colonial brasileira, tendo por estofo e fundamentação teórica a obra crítica do intelectual brasileiro Silviano Santiago. Para tanto, parte do conceito de “entre-lugar” (1971) do autor, passando pelos livros mais recentes como *Fisiologia da composição* (2020) e *O grande relógio* (2024). A fundamentação teórica a respeito do tema tratado encontra começo no ensaio “A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial – um depoimento” (2014).

PALAVRAS-CHAVE: Silviano Santiago; Literatura comparada pós-colonial brasileira; “entre-lugar”; solidariedade.

¹ Este texto faz parte de uma pesquisa maior que o autor vem desenvolvendo no momento acerca da relação entre o intelectual Silviano Santiago e uma possível Literatura comparada pós-colonial brasileira.

² Edgar César Nolasco é docente titular da UFMS e coordenador do NECC: NÚCLEO DE ESTUDOS CULTURAIS COMPARADOS. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8180-585X>. Email: ecnolasco@uol.com.br.

Abstract: This essay aims to consider the possible rubric of a Brazilian postcolonial comparative literature, based on the critical work of Brazilian intellectual Silviano Santiago. To this end, it begins with the author's concept of "in-betweenness" (1971), encompassing more recent books such as *Physiology of Composition* (2020) and *The Big Clock* (2024). The theoretical foundation for the topic at hand begins with the essay "Brazilian Literature from a Postcolonial Perspective – A Testimony" (2014).

KEYWORDS: Silviano Santiago; Brazilian postcolonial comparative literature; "in-betweenness"; solidarity.

Resumen: Este ensayo busca considerar la posible rúbrica de una literatura comparada poscolonial brasileña, a partir de la obra crítica del intelectual brasileño Silviano Santiago. Para ello, parte del concepto de "intermediación" (1971) del autor, abarcando libros más recientes como *Fisiología de la Composición* (2020) y *El Gran Reloj* (2024). La base teórica del tema en cuestión se basa en el ensayo "Literatura brasileña desde una perspectiva poscolonial: un testimonio" (2014).

PALABRAS CLAVE: Silviano Santiago; literatura comparada poscolonial brasileña; "intermediación"; solidaridad.

Minha formação – isto é, tal como foi configurada no início deste depoimento – me fora proposta como iniciação ao começo da literatura brasileira no século 18. Como muitos, eu retomei o bastão de revezamento - para valer-me de metáfora cara a mestre Candido – das páginas da *Formação da literatura brasileira*. Para ir até à origem, eu tinha de abandonar o campo adjetivo em que a literatura nacional foi inserida e me adentrar por uma *literatura comparada também pós-colonial*. Para tal, tinha de levar em considerações o modo como encarava e vinha lendo, no contexto propriamente literário, o vírus colonial lusitano. Precisava constituir as bases de uma disciplina acadêmica que recusaria a adotar o centramento europeu – sua esplêndida e trágica tradição milenar – como forma de organizar e qualificar a produção literária nas metrópoles colonizadoras e sua disseminação inferior e desafortunada pelos países coloniais” (SANTIAGO. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial – um depoimento, p. 46.)

Silviano Santiago. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial, p. 46.

Valho-me da epígrafe de Silviano, e sobretudo da rubrica nela escrita de uma literatura comparada pós-colonial, para dizer que a teorização pós-colonial da qual o autor se vale para pensar em tal literatura comparada advém do pensamento pós-colonial indo-britânico cujos maiores expoentes no Ocidente podem ser Homi K. Bhabha, Edward W. Said e Gayatri C. Spivak. É escusado dizer que eles

devem muito ao pós-estruturalismo francês. Sua *influência* passa necessariamente por J. Derrida e a desconstrução, J. Lacan e a Psicanálise lacaniana e por M. Foucault e a questão do discurso. Além, claro, das próprias relações entre eles, a exemplo de Bhabha para com Said; Spivak para com Derrida. Assim, no bojo e no centro dessa discussão que compreende parte significativa do pensamento moderno, temos, no mínimo, um diálogo compósito entre o pós-colonialismo com o pós-estruturalismo e com o pós-modernismo. É, pois, desse corolário teórico conceitual que se instaura, por conseguinte, o lugar ou *entre-lugar* a partir do qual Silviano vai pensar em uma literatura comparada pós-colonial nos trópicos. Na verdade, mais especificamente temos Derrida e sua desconstrução de um lado, e de outro o contraponto advindo de Borges e a metáfora da *periferia* na base da (nova) fisiologia da composição/formação do intelectual Silviano Santiago. É a partir dessa junção, logo, e adiantando o estofamento de nossa discussão, que vamos encontrar, na mais recente reflexão teórica do crítico, uma literatura comparada de base desconstrutora (que aqui será também de ordem pós-colonial) e uma articulação crítica assentada num *anacronismo criativo e periférico* (grifo meu). É escusado dizer que esta expressão do autor amarra e explica as duas pontas filosófica e periférica que passam a embasar o modo de pensar comparatista desconstrutor pós-colonial do crítico brasileiro.

153

Convém, nesse sentido, nos deter, mesmo que de forma um tanto breve, no que a maior estudiosa da obra de Silviano, a teórica brasileira Eneida Maria de Souza, ponderou, ao longo da vida, acerca da vasta produção do intelectual e amigo. Vou me valer aqui tão somente do último livro de Eneida intitulado de *Narrativa impuras* (2021), como recorte de minha leitura, e não por acaso vamos encontrar ali um capítulo, cujo nome “Silviano Santiago, autor de Derrida”³, já ilustra o cerne de nossa discussão. Considerando que vamos tratar da questão do *anacronismo criativo e periférico* somente depois, daí já estarmos justificando nossa volta ao texto de Eneida, interessa-nos por ora tão somente o lócus do *entre-lugar* enquanto uma estratégia teórica de leitura que agrega, digamos, o centro e a periferia, a desconstrução e a periferia, as semelhanças-e-diferenças, modernidade e a pós-colonialidade que, juntos, embasam o próprio lugar descentrado e ambivalente que caracteriza o pensamento crítico latino-americano de Silviano Santiago. Na esteira de Eneida, vemos que Silviano vai, ao longo da história do

³ SOUZA. Silviano Santiago, autor de Derrida, p. 217-234.

conceito de *entre-lugar* (1971), reinventando-o por meio de um diálogo desconstrutor periférico e atualizando-o enquanto ficcionalização teórica. Voltado para uma política deliberadamente pensada, persegue e visa a desconstruir, entre outros, os conceitos de *influência*, *cópia* e *originalidade*, cuja empreitada crítica, se de fato começou desde a época do *entre-lugar*, chega agora ao seu ápice com o ensaio em “andamento” de *O grande relógio*⁴, cuja leitura comparatista desconstrutora retoma retornando àquele ensaio amarrando as pontas de uma pegada ali comparatista e agora também pós-colonial. Nesse sentido, segundo Eneida, “consegue-se entender claramente um dos motivos de se pensar o entrelugar como diluidor de fronteiras rígidas entre temporalidades e espaçamentos culturais e refletir sobre o deslocamento como regra básica desse movimento. O deslocamento implica a saída de lugares fixos, da voz autoral e do culto da personalidade, com a intenção de romper a relação mimética com o outro e considerá-lo na condição de diferença, pelo gesto incompleto do suplemento.”⁵ Eneida trata na passagem de uma questão cara a Silviano, que é a do suplemento, na medida em que será por meio dessa prática de leitura, conforme mostraremos depois, que o autor vai diferenciar a prática de leitura de uma literatura comparada tradicional da prática que move uma leitura comparatista desconstrutora pós-colonial. E para ficarmos presos tão somente à questão do *entre-lugar*, adiantamos que é exatamente por meio do “entre” que se formula a lógica da *suplementariedade* comparatista desconstrutora pós-colonial. De alguma forma sempre se inscrevendo entre o centro e a periferia, entre Borges e Derrida, Silviano vai abrindo espaços “entres” para pensar na diferença, mesmo quando tenha de passar por “semelhante-e-diferente” (SILVIANO, 2024, p. 101), uma vez que será esse gesto suplementar que caracterizará sua leitura contrastiva desconstrutora. Ao pensar o *entre-lugar*, segundo Eneida, Silviano

Elege os precursores com a intenção de reforçar o lugar teórico *entre* e o insere na dimensão cultural como futura estratégia no combate à dependência. A presença de Borges, ao lado de Derrida, inscreve o pensamento do teórico na congruência de precursores os quais se caracterizam por um pensamento comum quanto à diluição de paradigmas temporais e asserções de ordem filosófica.⁶

⁴ SANTIAGO. *O grande relógio*: a que hora o mundo recomeça – Caderno em andamento.

⁵ SOUZA. Silviano Santiago, autor de Derrida, p. 219.

⁶ SOUZA. Silviano Santiago, autor de Derrida, p. 223.

Com base na leitura sempre pertinente de Eneida, se, por um lado, Silviano reforça o lugar teórico *entre* como estratégia no combate à dependência, por outro lado, vemos que propõe, de forma crescente e pensada estratégica e teoricamente, uma dilatação do conceito para caber nele, por exemplo, a visada pós-colonial que ele vem construindo por meio de uma metodologia comparatista desconstrutora. Na esteira da discussão feita por Eneida, podemos dizer que Silviano também é autor de Borges, na medida em que, por meio de sua ficcionalização teórica conceitual, reinventa o autor argentino. Transcrevo esta passagem de Silviano que ilustra a discussão evolutiva do conceito de *entre-lugar*:

Borges me deu a coragem do pensamento paradoxal quando estava preparando (ou estavam me preparando) para os caminhos da racionalidade francesa numa terra onde os lugares-comuns nos impelem para o irracional. Nunca fui vítima da lucidez racional da Europa como um novo Joaquim Nabuco, nem me deixei seduzir pelo espocar dos fogos de artifício ou pelas cores do carnaval nos trópicos. Fiquei com os dois e com a condição de viver e pensar os dois. Paradoxalmente. Nem o lugar-comum dos nacionalismos brabos, nem o lugar-fetichismo do aristocrata saber europeu. Lugar-comum e lugar-fetichismo imaginei o entre-lugar e a solidariedade latino-americana. Inventei o entre-lugar do discurso latino-americano que já tinha sido inaugurado pelos nossos melhores escritores.⁷

Refiro-me a uma evolução do conceito porque, valendo-me do que Silviano mesmo vai chamar depois de *anacronismo criativo e periférico*, quero entender que o autor ao *reler* Borges acaba reinventando o próprio conceito, quase trinta anos depois (e vida afora). Eneida, por sua vez, enquanto leitora crítica do conceito e da obra do autor e amigo, não deixa também, por conseguinte, de assumir a autoria conceitual *suplementando* teorias e leituras. E, no bojo dessa discussão, por mais que eu não queira tratar da questão do *anacronismo* neste momento de minha reflexão, sou levado a reconhecer e dizer que é de modo anacrônico que me sobra ler Silviano, Eneida e, por extensão, Borges e Derrida. Ainda da passagem, sobressaem três questões para as quais quero chamar a atenção. Para isso, transcrevo sua parte final: “Fiquei com os dois e com a condição de viver e pensar os dois. Paradoxalmente. Nem o lugar-comum dos nacionalismos brabos, nem o lugar-fetichismo do aristocrata saber europeu. Lugar-comum e lugar-fetichismo imaginei o entre-lugar e a solidariedade latino-americana. Inventei o entre-lugar do discurso latino-americano que já tinha sido inaugurado

⁷ *Apud* SOUZA. Silviano Santiago, autor de Derrida, p. 223.

pelos nossos melhores escritores.” Paradoxalmente, Silviano, entre os dois gestos, escolheu (optou) a condição de viver e pensar os dois. Queremos ver que se inscreveu aí, em parte, o esboço da origem do traço biográfico do intelectual, o que somente muito recentemente ele vai nominar de grafias-de-vida.⁸ O *entre-lugar* como a rasura do lugar biográfico e teórico do pensador. “Entre” esse atravessado, por sua vez, por um sentimento de (ou instrumento *a lá* Borges) solidariedade que, por conseguinte, vai agregar toda a América Latina, e cujo sentimento de pertença pode estar no que Silviano passa a chamar de *Literatura comparada desconstrutora pós-colonial*. Temos aí, então, um primeiro tópico que deve estar nesse ato (ou opção) de *comparar para desconparar* levado a cabo pelo autor. E o fato de ele dizer que inventou um conceito que já havia sido inventado pontua o trabalho de *ficcionalização da teoria*, o que, além de esboçar outro tópico dessa literatura, reforça a importância do conceito de *anacronismo criativo e periférico*⁹ que vem sendo trabalhado pelo autor solidariamente. (Como já dito, vamos tratar especificamente desse conceito somente quando nos determos no livro *Fisiologia da composição*)

Se, por um lado, Silviano é autor de Borges, como já dito, por outro, não deixa de ser autor de Derrida, para faz jus ao título e ao texto de Eneida. No mesmo texto, Eneida se pergunta: “Silviano, autor de Deleuze e Guattari?”¹⁰ Enfim, é em meio a esses *entre-lugares* desconstrutores e rizomáticos, em que ocorre uma mudança espiralada de autorias e em cujo gesto teórico e filosófico

⁸ SANTIAGO. *Fisiologia da composição* (2020). “[...] pretendo expor a *relação homológica* que se deixa surpreender e se expõe na análise contrastiva entre grafia-de-vida (evito *biografia* por ser vocábulo semântico carregado; opto por neologismo, grafia-de-vida, de valor neutro) e composição artística, levando em conta a série gênero literário. Etimologicamente, *homologia* significa a lógica nas relações (entre objetos) semelhantes. Grafia-de-vida e composição artística serão tomados como organismos, vivos e interdependentes; no entanto, semelhantes nos respectivos processos de invenção e nas respectivas organizações internas.” (SANTIAGO, 2020, p. 14-15)

⁹ Ver SANTIAGO. *Fisiologia da composição*. “Há um novo valor, o *anacronismo criativo e periférico*, que é impossível de ser compreendido na radicalidade evolutiva da historiografia iluminista, a não ser pela retomada do exigente conceito de *suplementariedade* (a não ser confundido com *complementariedade*) exposto por Jacques Derrida na crítica aos efeitos da autocentragem europeia na constituição e análise dos objetos do saber.” (SANTIAGO, 2020, p. 35)

¹⁰ SOUZA. Silviano Santiago, autor de Derrida, p. 225.

solidariamente os amigos intelectuais se reconhecem anacronicamente, que Eneida avente a presença dos estudos pós-coloniais. Cito a autora: “curiosamente, a filosofia francesa de décadas anteriores, culpada pelo descaso de teóricos brasileiros com os nacionalismos tropicais, permanece atual, motivando o acréscimo de associações a serem feitas com a diluição do tempo contínuo para a compreensão das reviravoltas pós-coloniais.”¹¹ Esse, bem entendido, pelo menos não foi o caso do pensador Silviano Santiago que, pelo menos desde a década de 70 no Brasil, foi e continua sendo coerente com a política filosófica e teórica da desconstrução derridaiana. Podemos reconhecer que está subentendido na passagem de Eneida a guinada que Silviano vinha fazendo com relação a uma literatura comparada desconstrutora pós-colonial. Nesse sentido, vejamos o que Eneida afirma enfaticamente:

Não resta dúvida de que os estudos de literatura comparada e de crítica cultural dos últimos quarenta anos são devedores da contribuição inestimável de um grupo de intérpretes interessados em reverter posições colonialistas e em repensar os impasses e equívocos da situação pós-colonialista em termos políticos e como resultado da desconstrução derridiana.¹²

É senso-comum em se tratando de Brasil que o intelectual Silviano Santiago foi e continua sendo um dos intérpretes que pensaram no sentido de desfazer as ideias binárias e coloniais que grassaram por aqui, inclusive na própria teoria e modo de pensar no país. Todavia, o que queremos pontuar aqui, com relação ao pensamento de Silviano, vai para além do que reconhece Eneida, na medida em que o que estamos querendo dizer é que o crítico, com o seu modo de pensar e de fazer teoria, acaba por esboçar uma leitura comparatista cuja prática é de ordem pós-colonial, e num crescendo desde o ensaio do *Entre-lugar*. Paradoxal e comparativamente, Silviano esboça uma prática da *suplementariedade* por meio da qual ele assume os *entre-lugares* filosóficos e teóricos de seus comparsas (Borges, Derrida, Deleuze, Piglia) e, ao agir conscientemente, assume um outro *entre-lugar* a partir do qual ele pode pensar pós-colonialmente a literatura nacional brasileira e a disciplina de literatura comparada ainda não pensada devidamente (comparativamente) por esse viés. *Grosso modo*, tal literatura foi

¹¹ SOUZA. Silviano Santiago, autor de Derrida, p. 225.

¹² SOUZA. Silviano Santiago, Autor de Derrida, p. 227.

pensada e muito bem pensada, até então, por meio dos postulados teóricos da boa literatura comparada tradicional europeia.

Por meio de um gesto crítico anacrônico, e num crescendo desde o ensaio do *entre-lugar*, Silviano vai ocupando os *entres* de seus amigos teóricos, mas tal gesto também vai se tornando possível graças à *suplementariedade* de ficcionalidade que ele passa a agregar ao próprio conceito de *entre-lugar*. Nesse sentido, seu texto “ficção teórica”, presente no livro *Aos sábados, pela manhã* (2013), mostra de forma exemplar. É ali, aliás, que ele afirma, a lá Borges, que “a teoria é o entre-lugar ficcional que reposiciona as imagens do Novo Mundo no Ocidente e as deste nas Américas. Os trópicos não são tristes. Tornaram-se ¹³tristes.”¹⁴ Paradigmaticamente, a passagem torna-se mais relevante ainda, no cerne da discussão aqui proposta, quando podemos entrever a partir dela uma abertura comparatista pós-colonial na medida que o jogo metafórico suplementar empreendido por Silviano desbarata o olhar ocidental (e respectivo colonizador), por meio de uma teoria ficcional. Dentro dessa lógica, o gesto anacrônico permite uma inversão da lógica do pensamento Ocidental nos trópicos e a inserção de *entre-lugares* outros lá a partir daqui dos trópicos. A política teórica ficcionalizante do *entre-lugar* tropicalista permite que se desfça a paisagem de tristeza e abandono que grassou aqui por conta do olhar impregnado do estrangeiro. O que é preciso ser dito aqui, tento a passagem ainda como estofa, é que por meio de um *entre-lugar* teórico ficcional anacrônico Silviano *reposiciona* o lugar do Terceiro-Mundo (Brasil e América Latina) num *terceiro espaço* outro ainda não aferido pelo Primeiro Mundo colonizador europeu. Nesse caso, como mostraremos depois, a prática da suplementariedade ficcionaliza anacronicamente o conceito de *entre-lugar*. Parafraseando Eneida no ensaio aqui citado, vemos que por meio de tal prática de reposicionar teorias, conceitos e comparsas de pensamento filosófico e teórico, Silviano, ao desestabilizar o modo de pensar europeu, elabora e propõe um método comparatista pós-colonial desconstrutor e, por conseguinte, um novo estilo de leitura assentado no que ele mesmo nomina de “anacronismo criativo e periférico”. Segundo Eneida, ao agir assim, Silviano “desloca a arte hegemônica representada pelo Ocidente clássico para o Novo

¹³ Sobre o conceito de Terceiro Espaço ver BHABHA, *O local da cultura* (1998).

¹⁴ SANTIAGO. Ficção teórica, p.

Mundo, por meio da ideia de sobrevivência das formas.”¹⁵ Ou seja, por meio de uma ficção teórica, ele reescreve e reinventa uma leitura-escritura crítica de base desconstrutora, periférica e pós-colonial. Tal leitura, por sua vez, se por um lado torna-se condição *sine qua non* para todo intelectual periférico, por outro, também obriga o intelectual do centro a rever seus postulados teóricos e a reler, como se fosse pela primeira vez, a lição imposta pelo intelectual da periferia do mundo Ocidental. Entre lá e cá, entre Derrida e Borges a exemplos, o pensador brasileiro se torna autor de todos eles, valendo-se de uma prática teórica-ficcional anacrônica criativa e periférica. Paradoxalmente, podemos dizer que Silviano se vale de um processo de enxertia de modos de pensar e se apossa, como grileiro crítico periférico desconstrutor que sempre fora, dos *entre-lugares* críticos tanto europeus (Derrida) quanto dos latinos (Borges). Nesse lugar de *entre-lugares* estaria a base do projeto pós-colonial do autor, e cuja ressonância maior ecoa em seu discurso crítico comparatista, como intentamos mostrar.

Nessa política de uma anacronia autoral que, em se tratando do *entre-lugar* de Silviano, remonta ao conto “Pierre Menard, Autor do Quixote” (1941), de Jorge Luis Borges, e ao próprio texto de Silviano “Eça, Autor de *Madame Bovary*” (1970), vamos encontrar uma construção teórica conceitual que amalgama rasurando autorias e outras epistemologias, a exemplo da pós-colonial. Nessa direção é sumamente oportuna a construção compósita à qual Eneida se refere quando menciona o conceito: “ao conceito de ‘entrelugar’ se justapõe o de *intervalo*, montagem que aproxima e separa as imagens postas em confronto, formando uma construção compósita feita de associações, deslocamentos e distorções.”¹⁶ É a partir desse jogo de *entre-lugares* em que autorias se des-fazem e epistemologias se descentram em torno de um conceito e de um não-lugar que Eneida adverte que “um dos motivos de se pensar o entrelugar como diluidor de fronteiras rígidas entre temporalidades e espaçamentos culturais e refletir sobre o deslocamento como regra básica desse movimento. O deslocamento implica a *saída de lugares fixos*, da voz autoral e do culto da personalidade, com a intenção de romper a relação mimética com o outro e considerá-lo na condição de diferença, pelo gesto incompleto do suplemento.”¹⁷ Chamo a atenção para a

¹⁵ SOUZA. Silviano Santiago, autor de Derrida, p. 230.

¹⁶ SOUZA. Ficções impuras, p. 215. grifo meu

¹⁷ SOUZA. Silviano Santiago, Autor de Derrida, p. 219. grifo meu

passagem de Eneida porque quero entender que a *saída dos lugares fixos* demandada pela política conceitual e epistemológica do *entre-lugar* não abre mão de se constituir *a partir de um lugar*. Nesse sentido, o *entre-lugar* de Silviano amalgama outras epistemologias advindas tanto de dentro (DERRIDA, a exemplo) quanto de fora (BORGES). E, ao agir assim, tal prática epistemológica rasura, por exemplo, a epistemologia hegemônica moderna quando se abre para um diálogo crítico com a pós-colonialidade indo-britânica (BHABHA). E é nessa direção que quero pensar o conceito de *entre-lugar* aqui, a partir do descentramento autoral anacrônico proposto pelo próprio Silviano. Retomo, assim, o texto de Eneida “Silviano Santiago, autor de Derrida”, por entender que desde o título ilustra o que quero tratar agora. Se no decorrer de seu texto Eneida diz ou alude que Silviano, além de ser autor de Derrida, seria autor de Borges, Deleuze e Guattari, de Piglia e vice-versa (anacronicamente, bem entendido), por conseguinte, deixa entreaberto corroborando a possibilidade para que eu, no bojo desta discussão, enquanto leitor de Eneida e do conceito de Silviano, constate à la Eneida que Silviano Santiago também é autor de Homi K. Bhabha. Assim, para adentrar pela porta da frente o texto “A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial – um depoimento”, resta dizer acerca desta aproximação autoral e agora pós-colonial que o conceito de *entre-lugar* de Silviano vai ao encontro dos *locais da cultura* de Bhabha na medida em que em ambos os casos os lugares ou *entre-lugares* são localizados no espaço. Como se carecesse de respaldo a aproximação que ensejo aqui entre os dois intelectuais e respectiva epistemologia pós-colonial, menciono três comentários críticos acerca do próprio Silviano que sinalizam tal relação entre ambos. O primeiro comentário é de Renato Cordeiro Gomes, presente no texto *Cosmopolitismos*, quando o autor aproxima o conceito de Terceiro Espaço do de *Entre-lugar*. Renato transcreve esta passagem de Bhabha: “a temporalidade não sincrônica das culturas nacional e global abre um espaço cultural – um terceiro espaço – onde a negociação das diferenças incomensuráveis cria uma tensão peculiar às existências fronteiriças”¹⁸, para reiterar na sequência que “esta concepção está bem próxima do conceito de ‘entre-lugar’ formuladp por Silviano Santiago, no ensaio ‘O entre-lugar do discurso latino-americano’, quando, motivado pelas teorias da dependência, procura uma metodologia para ler

¹⁸ GOMES. *Cosmopolitismos*, p. p. 708.

o lugar de transgressão das literaturas produzidas nos trópicos.”¹⁹ A coerência crítica já pontuada por Renato na passagem, tanto quanto à aproximação entre Silviano e Bhabha, quanto entre os conceitos de *Entre-lugar* e Terceiro Espaço, não apenas sinalizam a importância entre os intelectuais, como também já se vê esboçado na passagem de Renato o que mais tarde o próprio Silviano nomina de *anacronismo criativo e periférico*. Chamo a atenção para isso porque quero pensar que a política de uma teorização de ordem pós-colonial comparatista já vinha se esboçando em Silviano desde o conceito de *Entre-lugar*. Ainda na mesma passagem, Renato observa que o conceito fora deliberadamente criado por Silviano em busca de uma *metodologia para ler o lugar de transgressão das literaturas produzidas nos trópicos*, e podemos constatar, agora, que se o conceito originou-se atravessado por uma busca metodológica, de lá para cá, como mostram os últimos livros do autor, essa questão de ordem metodológica tornou-se uma constante na discussão teórica proposta pelo crítico, o que não deixa de sinalizar uma leitura comparatista desconstrutora da própria disciplina de Literatura comparada mas, num crescendo, de base cada vez mais pós-colonial. Esta outra passagem do texto de Renato é digna de transcrição aqui, dado que ela sela a aproximação epistemológica entre Silviano e Bhabha:

Neste terceiro espaço, neste ‘entre-lugar’, espaço liminar de significação, marcado por tensões entre diferenças culturais, as mais criativas formas de identidade cultural, para além das noções de pureza e de originalidade, são produzidas nas ‘margens entre’ (*in-between*) formas de diferença, nas interseções e transposições através das esferas de classe, gênero, raça, nação, geração, localização. Tanto Bhabha quanto Silviano sublinham processo ambivalente de cisão e hibridização que, diferente de assimilação, marca a identificação com a diferença da cultura, e pressupõe o ultrapassamento do local como forma pura, limitado por fronteiras.²⁰

A passagem evidencia que Renato, ao ler Silviano, lê ao mesmo tempo Bhabha. Vale-se, e a passagem deixa entrever, de conceitos como diferença cultural, além do de Terceiro Espaço, hibridização, ambivalência e descentramento, e, talvez mais à la Silviano que à la Bhabha, acaba por cosmopolitizar o local (ou locais). Renato apenas não menciona, também como já fizera Eneida, o *entre-lugar* de Bhabha. Faz-se interessante observar que quando Renato nomina de *espaço*

¹⁹ GOMES. Cosmopolitismos, p. 708.

²⁰ GOMES. Cosmopolitismos, p. 709.

liminar tanto o Terceiro Espaço quanto o *entre-lugar*, ele está reiterando tratar-se de *espaço fronteiro*. Por fim, aludindo uma vez mais à passagem de Renato, queremos entender que, quando ele diz que a partir do *entre-lugar* (espaço) se produz nas margens-entre *formas de diferença*, se formula aí também a diferença pós-colonial que atravessa o pensamento de ambos os intelectuais aqui tratados. Enfim, a discussão problematizadora feita por Renato vai nos ajudar, depois, a aproximar ainda mais não apenas os referidos intelectuais, como também os seus respectivos *entre-lugares*.

O segundo comentário é de Denilson Lopes e se encontra em seu texto oportunamente intitulado de “Do ‘entre-lugar’ ao transcultural”. Denilson escolhe e persegue o conceito de *entre-lugar*, detendo-se em seu sentido e enquanto palavra, até aproximá-lo de uma paisagem transcultural não esboçada. Nesse sentido, vale transcrever o parágrafo inicial de seu texto: “palavras nascem. Palavras morrem. Palavras são esquecidas, se multiplicam, geram outras palavras. Entre tantas, escolho uma para lembrar, sem monumentalizar, mas para gerar um futuro. Escolho a mais lembrada, palavra-matriz: o ‘entre-lugar’”.²¹ Assim, considerando que a palavra *Entre-lugar* gera teorização e cria, por conseguinte, conceituações outras, vejamos, agora, o modo como Denilson aproxima Silviano de Bhabha e vice-versa, uma vez que, para Denilson, Silviano se apresenta menos como um teórico e mais como um crítico-leitor (ou leitor-crítico) “que segue os conceitos à medida que os próprios textos os solicitam, fazendo da conversação atitude existencial, mais do que intelectual”²²:

Não só Eça de Queirós pode ser autor de *Madame Bovary*, mas podemos ler Homi Bhabha a partir de Silviano Santiago, identificando não só um “entre-lugar”, mas entre-tempos onde narrativas e contranarrativas de nação emergem.²³

A passagem de Denilson de alguma forma metaforiza e consigna a proposta de trabalho aqui buscada, por trazer a questão de reversão autoral e da aproximação conceitual que, por sua vez, ressoa uma epistemologia de ordem pós-colonial comum entre ambos os críticos. Por conseguinte, ler Bhabha a partir de Silviano é correlato a ler o *entre-lugar* do primeiro *suplementado* pelo *entre-lugar* do

²¹ LOPES. Do “entre-lugar” ao transcultural, p. 415.

²² LOPES. Do “entre-lugar” ao transcultural, p. 419.

²³ LOPES. Do “entre-lugar” ao transcultural, p. 419.

segundo, e sem descartar a política do anacronismo criativo e periférico proposto pelo brasileiro. (Aqui já se esboça a ideia aventada que move esta discussão inicial de que *Silviano é autor de Bhabha*.) A meu ver, esta segunda passagem de Denilson pontua a aproximação entre os dois, na medida em que, se, para Denilson, o *entre-lugar não é um não-lugar*, para Bhabha, por conseguinte, uma fronteira (os locais da cultura) se torna *o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente*:

O entre-lugar não é uma abstração, um não lugar, mas uma outra construção de territórios e formas de pertencimento, não simplesmente “uma inversão de posições” no quadro internacional, mas um questionamento desta hierarquia, a partir da antropofagia cultural, da traição da memória e da noção de corte radical, embasadas teoricamente no simulacro e na diferença, a fim de propor outra forma de pensar o social e o histórico, diferente das críticas marcadas por uma filosofia da representação.²⁴

O conceito do *entre-lugar*, que *a priori* se situa nem dentro nem fora de uma relação intervalar que caracteriza o mundo ocidental moderno e seu respectivo pensamento, enquanto uma outra construção de territórios e formas de pertencimento, permite se inscrever como uma epistemologia de ordem pós-colonial cuja política desconstrutora questiona e desfaz a hierarquia do conhecimento, do saber e da Teoria hegemônicos, por estar embasado, entre outras, na diferença pós-colonial. Ainda preso ao texto de Denilson, quero pontuar outros momentos do autor que vêm ao encontro do que aqui postulamos tratar ao longo deste texto. E, se, por um lado, tais observações pontuais escapam da relação entre Silviano e Bhabha, por outro, voltam-se para uma compreensão acerca do conceito de *entre-lugar* como trabalho por Silviano, deixando para me deter na relação entre os dois mais adiante (os dois intelectuais e seus respectivos *entre-lugares*). Ao discutir acerca da posição do intelectual Silviano Santiago e seu respectivo conceito, Denilson observa, entre outros pontos, que Silviano (e seu *entre-lugar*) transitam por *perspectivas teóricas* outras. E aqui entre tais perspectivas teóricas outras queremos, obviamente, chamar a atenção para a perspectiva pós-colonial, na medida em que tal perspectiva a seu modo atravessa a direção para a qual converge a discussão teórica envolta ao conceito em questão. É no bojo dessa mesma discussão que Denilson vai reiterar o que, aliás, já dissera antes, de que o conceito de *entre-lugar é espaço concreto e material*. Grifo a

²⁴ LOPES. Do “entre-lugar” ao transcultural, p. 418.

afirmação porque, se não vamos encontrar tal afirmação com tal ênfase nem em Eneida e nem em Renato, como já mostramos, o mesmo não acontece com o texto que vem a seguir aqui. Na sequência, e de alguma forma como desdobramento do que dissera antes, Denilson diz, muito coerentemente inclusive, que o modo de ler Silviano talvez seja o de ler “ler entre”, por possibilitar aproximações e desdobramentos, o que reforçaria, por sua vez, uma prática de “solidariedade” que atravessa a proposta do diálogo cultural a partir do conceito de *entre-lugar* e que encontra respaldo também na proposta política e teórica pós-colonial defendida por Homi Bhabha, como mostraremos depois. Aliás, abrindo um parêntese, devemos dizer agora que a prática de uma “solidariedade” pode ser um critério judicativo para a literatura comparada desconstrutora pós-colonial defendida por Silviano e que encontra respaldo na epistemologia partilhada pela pós-colonialidade. E ainda na esteira do defendido por Denilson, reiteramos que o conceito de *entre-lugar*, além de ser uma “paisagem transcultural (LOPES), é a porta, em nosso caso, de entrada para uma relação entre a América Latina (incluindo o Brasil) e a proposta epistemológica defendida pela pós-colonialidade, desde que se tome o *entre-lugar* como a *resposta teórica*, ou uma “estratégia de resistência que incorpora o global e o local, que busca solidariedades transnacionais através do comparativismo – para apreender nosso hibridismo -, fruto de quebras de fronteiras culturais.”²⁵ Tomar o *entre-lugar* como uma resposta teórica, ou uma estratégia para pensar na diferença pós-colonial (entre outras) é, de nosso ponto de vista crítico, o rumo que o conceito proposto por Silviano alhures vem tomando a partir de suas últimas produções teóricas, a exemplo dos livros *Fisiologia da composição*, de 2020, e *O grande relógio*, de 2024.

164

Chegamos, assim, ao terceiro e último comentário crítico que se circunscreve no mesmo diapasão de aproximação entre Silviano e Bhabha. Refiro-me ao texto “Sinal dos tempos: anacronismo e atualidade de *Uma literatura nos trópicos*” de autoria de André Botelho. Vou direto ao ponto e transcrevo a passagem que, apesar de um tanto extensa, contempla de forma precisa os nossos interesses neste momento:

Formulada no ensaio *O entre-lugar da literatura latino-americana* (o autor fala da categoria do “entre-lugar”), publicado em inglês, em 1971, o conceito forjado por

²⁵ LOPES. Do “entre-lugar” ao transcultural, p. 422.

Silviano Santiago é pioneiro em relação a outros usos posteriores, como em *The location of culture*, de 1994, de Homi Bhabha. E, até por isso, vale registrar os diálogos desse crítico mineiro feito do mundo com Jacques Derrida (*Escritura e diferença*) e Michel Foucault (*Arqueologia do saber*), por exemplo, e sua “reescritura” no contexto intelectual pós-colonial. Sabemos que o chamado discurso pós-colonial não constitui nenhuma unidade, ainda que seja possível entrever em suas diferentes vertentes um esforço comum de produção de referências epistemológicas críticas às concepções dominantes e eurocêntricas de “modernidade”.²⁶

Afora as várias questões importantes que atravessam a passagem de André, quero chamar a atenção, mais uma vez, apenas para a relação possível e anunciada entre Silviano e Bhabha e seus respectivos conceitos de *entre-lugares*. Todavia, não posso deixar de chamar a atenção também para a constatação, feita pelo autor, quanto ao fato de a categoria de *entre-lugar* de Silviano ser hoje “sem dúvida a mais influente empregada no vasto campo dos estudos culturais em escala internacional.”²⁷ Mas o mais curioso, de meu ponto de vista, é que André não descarta a possibilidade de que Bhabha, enquanto um culturalista, ou melhor, um pós-colonialista, teria lido e se, digamos, *apropriado* do conceito do pensador brasileiro, na medida em que “Silviano Santiago é pioneiro em relação a outros usos posteriores”, como constata André na passagem. Mas de tudo e por tudo da passagem de André, o que mais atende ao que busco aqui seria quando ele afirma que *o chamado discurso pós-colonial não constitui nenhuma unidade, ainda que seja possível entrever nele um esforço comum para produzir epistemologias críticas às concepções dominantes e eurocêntricas de modernidade*, porque, ressaltadas as pouquíssimas diferenças que possa haver, seria esse, *grosso modo*, o vórtice de inclinação pelo qual passa o conceito de *entre-lugar* proposto por Silviano (no caso da leitura que move este texto, em um diálogo crescente e aproximativo da epistemologia pós-colonialista). Nessa direção, então, endossa ainda nossa proposição de leitura teorizadora quando vemos que André, ao afirmar que o conceito de *entre-lugar* desestabiliza as categorias de tempo e espaço e aponta para a “diferença”, reitera que “falar de ‘entre-lugar’ implica considerar um lugar um lugar concreto e específico, e não um mero lugar de

²⁶ BOTELHO. Sinal dos tempos: anacronismo e atualidade de *Uma literatura nos trópicos*, p. 365.

²⁷ BOTELHO. Sinal dos tempos: anacronismo e atualidade de *Uma literatura nos trópicos*, p. 364.

passagem, ou um ‘não lugar’”.²⁸ Chamo a atenção, primeiro, para a questão da desestabilização do tempo, não apenas por ser esta uma das preocupações desenvolvidas por André ao longo de seu texto, mas porque mais adiante vamos nos deter no *anacronismo criativo e periférico* de Silviano como já dito, e cujo anacronismo, como deixa entrever o texto de André, aparece sempre envolto ao conceito de *entre-lugar* de Silviano; e segundo porque queremos pensar que a “diferença” aludida pelo autor pode ser, sim, a diferença colonial também presente e sumamente importante para uma discussão de ordem pós-colonial. E um terceiro ponto seria o endosso afirmativo de que o conceito de entre-lugar não seria nunca um não lugar, o que, da perspectiva que partilhamos aqui, reforça a aproximação entre o conceito de Silviano e a lócus teórico no qual se assenta a teoria pós-colonial no mundo. Um corolário teórico que fecharia tal aproximação seria a constatação dada por André de que “o ‘entre-lugar’ é também um lugar *a partir* do qual se fala, e não apenas *sobre* o qual se pode dizer algo.”²⁹ Se, por um lado, essa afirmação de André encontra respaldo direto na perspectiva de ordem descolonial, reiteramos que a mesma serve feito uma luva para o pensamento pós-colonial na medida em que este pensamento não abre mão de *desconstruir* o projeto da modernidade de dentro dela mesma mas assentado em perspectiva epistemológica própria. Como dito, mais para a frente retomaremos o texto de André quando formos tratar da questão do *anacronismo* em Silviano. Assim, terminado nosso périplo em torno dos três comentários críticos eleitos por nós, volto-me a me deter na questão envolta à afirmação de que *Silviano Santiago é autor de Homi Bhabha*. Espero, todavia, que as três passagens-comentários tenham servido, cada uma a seu modo, para o endosso do que aqui se busca.

Em uma visada anacrônica, Silviano é autor de Bhabha porque, inicialmente, ressaltadas as diferenças que possa haver diante das aproximações que os une, como por exemplo a perspectiva do *entre-lugar* de ambos, e cuja perspectiva se assenta em *lóci* das culturas e suas respectivas diferenças, a começar, nesse caso, pela diferença pós-colonial. Metaforicamente, o *entre-lugar* do brasileiro lembra o *lugar intersticial*, o *terceiro espaço* e a *fronteira* enquanto movimento e descentramento epistemológico trabalhados por Bhabha em seu livro

²⁸ BOTELHO. Sinal dos tempos: anacronismo e atualidade de *Uma literatura nos trópicos*, p. 366.

²⁹ BOTELHO. Sinal dos tempos: anacronismo e atualidade de *Uma literatura nos trópicos*, p. 366. Grifos meus

O local da cultura (2003). Considerando que nosso propósito aqui é mostrar que *Silviano é autor de Bhabha* – em que cujos entre locais, entre-lugares criativos, periféricos, culturais e pós-coloniais se inscreve a política do pôs (*pós-modernismo, pós-colonialismo, pós-feminismo*) que visa *desconstruir* o discurso colonial imperial europeu da Modernidade – passo a deter-me tão somente no texto de Bhabha com o objetivo de destacar passagens que vão ao encontro do postulado e defendido por Silviano e que estariam em diálogo direto com o seu respectivo conceito de *entre-lugar*.

Assim, começo pelo texto introdutório oportunamente intitulado de “Locais da cultura” de *O Local da cultura*, no qual Bhabha se vale de uma epígrafe advinda de Heidegger em que se lê que “uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual *algo começa a se fazer presente*.”³⁰ Vemos esboçar-se aí os respectivos conceitos de ambos os autores, ou seja, tanto de Bhabha quanto de Silviano, na medida em que as vidas humanas todas se encontrariam nessa condição de fronteiridade, ou *entre-lugar*, a partir de onde todos sobrevivem no mundo atual. Ou seja, *entre-lugares* fronteiriços ou na fronteira, ou talvez como prefira Silviano Santiago, na periferia, a partir dos quais ou do qual vivemos ou nos encontramos todos em condição de *fronteiridade* em um tempo rasurado por um presente atemporal e por isso mesmo anacrônico. No bojo da discussão aqui feita, deve salientar que os *locais da cultura* são correlatos aos *entre-lugares* dos autores, até porque tais lugares são sempre materiais e geohistóricos. Na perspectiva pós-colonial em que se encontra a visada teórica dos autores o que se deve privilegiar sempre são aqueles momentos nos quais ou a partir se articulam as diferenças coloniais, porque “tais entre-lugares fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.”³¹ Desenham-se aí os (enquanto a partir deles) *interstícios* para Bhabha ou o *entre-lugar* para Silviano, a partir dos quais se negociam valores e diferenças e sujeitos outros são alcançados a partir de seus respectivos locais da cultura ou *entre-lugares* por onde transitam as diferenças. Para a política dos *entre-lugares* a representação da diferença pós-colonial não deve ser lida como

³⁰ Apud BHABHA. *O local da cultura*, p. 19. Grifo do autor

³¹ BHABHA. *O local da cultura*, p. 20.

um mero reflexo de traços culturais ou étnicos como previamente estabelecidos e inscritos na lápide fixa da tradição. Até porque a prática do “ler entre”, como mencionada antes, não permitiria. Endossa isso quando lemos em Bhabha que na negociação efetuada a partir da diferença, “o ‘direito’ de se expressar a partir da periferia do poder e do privilégio autorizados não depende da persistência da tradição; ele é alimentado pelo poder da tradição de se reinscrever através das condições de contingência e contraditoriedade que presidem sobre as vidas dos que estão ‘na minoria.’”. A saída dá-se porque, por meio de uma reencenação anacrônica do passado, os *entre-lugares* embaralham as temporalidades culturais, espaciais e conceituais e reinventam a própria tradição.

Na esteira do texto de Bhabha, outra questão de ordem conceitual que pontua a aproximação entre os intelectuais dos *entre-lugares* é a da *solidariedade*, tomando essa não enquanto um conceito da pós-colonialidade mas como uma prática decorrente da teorização pós-colonial e que encontraria respaldo na prática comparatista de uma literatura comparada desconstrutora pós-colonial como queremos entrever a partir do postulado por Silviano Santiago. Tanto Bhabha quanto Silviano vão tratar da *solidariedade* enquanto uma categoria advinda da perspectiva intersticial ou do *entre-lugar*. Ainda arrolaria a ela outras categorias, para depois pensar melhor acerca da comparada desconstrutora pós-colonial, como a de *compartilhamento, hospitalidade, humanidade, experivivência, convivialidade, comunidade e suplementariedade*³². Mas por ora vejamos alguns casos em que os autores trazem a questão da *solidariedade* em sua discussão crítica, além de alguns estudiosos da obra de Silviano que não deixaram a palavra passar ilesa. De Bhabha, pontuo dois momentos em que ele trata do termo. No primeiro, lê se que “o acesso ao poder político e o crescimento da causa multiculturalista vêm da colocação de *questões de solidariedade e comunidade em uma perspectiva intersticial*.”³³ Desta passagem, quero chamar a atenção para o fato de que tanto a *solidariedade* quanto a *comunidade* inscrevem-se em perspectiva intersticial, o que equivale ao mesmo que *entre-lugar*, ou seja, seria dessa perspectiva, ou *entre-lugar* ou lugar que se formula uma ação, ou modo de pensar cuja base seria de ordem pós-colonial. O outro momento em que Bhabha

³² Categorias ou conceitos esses que também podem fazer parte de uma Literatura de ordem descolonial. Sobre isso, ver o nosso *Literatura comparada descolonial* (2025).

³³ BHABHA. *O local da cultura*, p. 21.

trata da categoria sintetiza de forma mais precisa uma discussão teórica de base pós-colonialista que atravessa o livro dele como um todo. Afirma o autor que “é vivendo na fronteira da história e da língua, nos limites de raça e gênero, que estamos em posição de traduzir as diferenças entre eles, numa espécie de solidariedade.”³⁴ Vivendo na fronteira da história e da língua, ou na periferia do mundo, a partir desse lugar em que se situa o povo na dispersão, Bhabha esboça um gesto de tradução solidária e fragmentária de natureza mas que, por meio desses locais da cultura ou *entre-lugares*, os povos diversos podem ser tomados como semelhantes — a-diferença pós-colonial. No capítulo de Bhabha que estou lendo, ele o conclui retomando uma bela e importante passagem de Walter Benjamin que, metaforicamente, alude à disseminação da nação e da cultura no mundo. Ali, o gesto tradutório ou pós-colonial, *de maneira amorosa e detalhada*, espelha a estratégia de solidariedade que marca a teorização de ordem pós-colonial. Sobressai daí, mas mais pós-modernamente que talvez pós-colonialmente, a paisagem tomada de certeza de que a cultura não é mais concebida como uma *comunidade imaginada* e que ela deixa de ser imaginada por que, agora, toda cultura se esboça a partir de uma *solidariedade comunitária*. Não por acaso que o exercício ou prática articulados a partir tanto da *solidariedade* quanto da *comunidade* vão embasar a perspectiva teórica da pós-colonialidade. Tais estratégias se fazem presentes também no conceito de *entre -lugar* de Silviano.

169

Vejamos agora dois momentos em que o autor brasileiro trata diretamente da questão da solidariedade. No caso de Silviano, queremos pensar que, se, a solidariedade não ocupa por si só um lugar conceitual, não deixa de estar na base e endossar a conceituação do *entre-lugar*, como esperamos mostrar ao longo desta discussão. Nesse tocante, a primeira passagem que privilegiamos, dada sua importância dentro da discussão feita pelo autor no texto “Atração do mundo”, chega a ocupar um lugar conceitual, ao que Silviano vai chamar de exercício. Apesar de um pouco extensa, transcrevo a passagem inteira:

Como ativista no campo da construção de uma nova sociedade, Mário de Andrade abdica passageiramente da cultura da elite e se entrega ao exercício da *solidariedade*. Através deste exercício, busca o saber que existe na expressão cultural dos descendentes de grupos étnicos que foram dizimados, ou explorados e

³⁴ BHABHA. *O local da cultura*, p. 238,

esquecidos pela elite escravocrata e europeizada do país. A forma mais absoluta do conhecimento pela solidariedade do outro étnico e cultural, pela solidariedade, é a *conversa*, cujo exercício extrapola agora o campo limitado da correspondência literária do privado, para ter a abrangência de uma indistinção fraterna e pública que se confunde com o amor à humanidade.³⁵

Queremos tomar a categoria da solidariedade como uma abertura e aproximação do conceito de *entre-lugar* para a perspectiva pós-colonial, como já dissemos. Assim, lendo a epístola a partir de Mário de Andrade, mas pensando na política do descentramento de Derrida, segundo a qual *a cultura europeia foi deslocada e, por conseguinte, deixou de ser considerada como a cultura de referência*, tal descentramento, segundo Silviano, interferiu diretamente na *formação* do intelectual brasileiro modernista, levando esse, por sua vez, como acontece com Mário, a um exercício de solidariedade por meio do qual se estabelece um diálogo, ou melhor, uma *conversa*, que permite ao intelectual saber e aprender o que ele ainda não sabia *com todo e qualquer indivíduo*. Ressalvadas as diferenças que possa haver é nesse sentido de descentramento ou abertura do conceito de *entre-lugar* que ele é levado a uma prática ou exercício que endossa uma *conversa* teórica cuja base é de ordem pós-colonial. Lendo a passagem acima, é como se o próprio conceito tivesse se dilatado do campo meramente textual e privado e se abrisse para um *entre* o fraterno e público, confundindo-se com *um amor à humanidade*. Ou seja, o *entre-lugar* como uma *conversa* teórica humanística que, solidariamente e fraternalmente vai ao encontro do outro como forma de aprender e sentir com esse outro, e não mais apenas com a inteligência e a erudição. A abertura ou descentramento operacionalizado pelo próprio conceito, antes de levá-lo a perder o que quer que seja, permite que ele, pelo viés de uma epistemologia pós-colonial, encampe também uma alegria, uma felicidade, uma quase religião que advenha dos corpos dizimados, ignorados e explorados pelo saber e poder totalizantes e abstratos. Por meio da prática pós-colonial ou exercício de *puxar conversa* (Mário), o conceito do *entre-lugar aproxima-se entre agressivo e despidamente, entre sensual e fraternalmente do outro, para que este passe de indivíduo a cidadão e de objeto a sujeito do conhecimento, transformando o sujeito que puxou a conversa em receptáculo de um saber que desconhecia*. Repetindo aqui ao pé da letra o texto de Silviano, diria que um *entre* do *entre-lugar* se abre para a *diferença colonial* que, não por acaso, tornou-se uma

³⁵ SANTIAGO. Atração do mundo, p. 28.

das preocupações mais prementes dos discursos teóricos culturais e pós-coloniais do século XXI. É nesse sentido que o *entre-lugar*, enquanto um conceito político, solidariamente e pós-colonialmente *desconstrói* a diferença colonial, abrindo-se para um diálogo da tradição literária e cultural. Nesse sentido, repito que é a partir da categoria de solidariedade, ou exercício como quer Silviano, somada a outras como *compartilhamento*, *comunidade*, *humanidade*, *convivialidade*, que o conceito em questão, de meu ponto de vista, se inclina para a perspectiva epistemológica da pós-colonialidade. Volto uma última vez ao texto de Silviano, para dizer que pelo fato de o conceito do *entre-lugar* permitir que o teórico faça, ou ter se aberto para um *entre* a partir do qual se *absorveu solidariamente tudo* e o outro, agora ele pode permitir *saber saber a aprender e a distinguir* na diferença colonial. E tal prática teórica se torna possível porque ele, enquanto um conceito solidário, deixa que a *conversa do coração transborde em uma linguagem de afeto e rancores, e que nem é mais apenas teórica, uma vez que pode abandonar a escrita e a teoria intelectualizadas e conscientes no poço profundo e elitista das produções propriamente literárias*.³⁶

Passo agora para o segundo momento escolhido por mim em que Silviano se vale do exercício da *solidariedade*. Na verdade, a referida passagem encontra-se no texto de Eneida Maria de Souza, aqui antes citado - Silviano Santiago, autor de Derrida - em que a autora não por acaso discute acerca do conceito de *entre-lugar*. A produção do conceito e a produção diferencial que o conceito produz a partir de seus *entres* e conforme esses *entres* se abrem para novas ressignificações, postulações teóricas e epistemológicas. Em texto de mais de 30 anos depois de ter sido publicado o conceito de *entre-lugar*, o autor o reinscreve e o reencena acrescentando, ou acentuando a presença da *solidariedade* agregada (ou como desdobramento) a ele. A passagem, mais uma vez, é extensa, mas dada sua importância para o que aqui se postula, merece ser transcrita na íntegra:

Borges me deu a coragem do pensamento paradoxal quando estava preparado (ou estavam me preparando) para os caminhos da racionalidade francesa numa terra onde os lugares-comuns nos impelem para o irracional. Nunca fui vítima da lucidez racional da Europa como um novo Joaquim Nabuco, nem me deixei seduzir pelo espocar dos fogos de artifício ou pelas cores do carnaval nos trópicos. Fiquei com os dois e com a condição de viver e pensar os dois. Paradoxalmente. Nem o lugar-comum dos nacionalismos brabos, nem o lugar-fetichismo do aristocrata saber europeu.

³⁶ Ver SILVIANO. Atração do mundo, p. 11-44.

Lugar-comum e lugar-fetichismo imaginei o entre-lugar e a solidariedade latino-americana. Inventei o entre-lugar do discurso latino-americano que já tinha sido inaugurado pelos nossos melhores escritores.³⁷

Quando Silviano escreve que escolheu ficar com os dois e com a condição de viver e pensar os dois, ele está assumindo que optou por ficar num *entre-lugar* de natureza dupla, por lhe permitir viver e pensar a si e o outro a partir desse locus *entre-lugar* paradoxal por excelência, e que cujo pensamento próprio, crítico e teórico somente poderia resultar num pensamento paradoxal, cuja raiz epistemológica já estava disseminada em toda a periferia latino-americana. Endossa a postura do autor, o pensamento paradoxal que o caracteriza desde sempre e, por extensão, não menos paradoxal inscreve-se o conceito de *entre-lugar*, o qual na verdade sumariza o próprio pensamento paradoxal do autor ao longo de sua vida teórica e crítica. Paradoxal porque o próprio Silviano se inscreve num *entre-lugar*, como dito. Esse lugar *entre* pode corresponder ao locus América Latina, cujo pensamento próprio advindo desse locus periférico pode ser metaforizado no pensamento paradoxal do autor. Nesse sentido, vale a pena transcrever repetindo as últimas linhas da passagem: “lugar-comum e lugar-fetichismo imaginei o entre-lugar e a solidariedade latino-americana. Inventei o entre-lugar do discurso latino-americano que já tinha sido inaugurado pelos nossos melhores escritores.” O conceito de entre-lugar não passa de um composto de lugares que se suplementam a partir de um lugar situado no espaço e que pode ser nominado de América Latina. Paradoxalmente. Solidariamente.

172

Além de Eneida Maria de Souza que transcreveu a referida passagem de Silviano para pensar o conceito de *entre-lugar*, vejamos, agora, mais dois estudiosos do autor que também não deixaram a questão da *solidariedade* escapar da discussão crítica. Trata-se dos autores André Botelho, com seu texto “Sinal dos tempos: anacronismo e atualidade de *Uma literatura nos trópicos*”, e Denilson Lopes, com o texto “Do ‘entre-lugar’ ao transcultural”. Do primeiro autor, transcrevo esta passagem: “exagerando um pouco, talvez, o ‘entre-lugar’ é tão somente ‘movimento’ e ‘relação’ (sempre carregada de conflito e poder, mas também potencialmente de solidariedade), como expressam, aliás, os muitos ‘es’ da frase final do ensaio (...).³⁸ Como já observado antes, André está discutindo a

³⁷ Apud SOUZA. Silviano Santiago, autor de Derrida, p. 223.

³⁸ BOTELHO. Sinal dos tempos: anacronismo e atualidade de *Uma literatura nos trópicos*, p. 367.

atualidade-anacrônica do livro *Uma literatura nos trópicos* (2019) quarenta anos depois. Por conseguinte, é nesse contexto que ele conclui que o conceito de *entre-lugar* é tão somente talvez *movimento, relação e solidariedade*. Aqui me valho da ideia de *movimento, relação e solidariedade* que também conceitua o *entre-lugar* para reiterar que é por meio desse movimento relacional aberto por um gesto solitário/solidário que o conceito se abre para um *entre* da perspectiva pós-colonial. Insisto nessa direção minha discussão e teorização porque meu propósito se resume tão somente, como já dito, em aproximar o referido conceito da visada pós-colonialista. (Talvez seja escusado dizer que tal aproximação já fora sinalizada por estudiosos de Silviano; todavia não há um trabalho específico sobre ela.). No entanto, aproveito essa ideia do movimento oportunamente pontuada por André, para dizer que o conceito de *entre-lugar*, de meu ponto de vista aqui, deve ser pensado a partir de um *anacronismo em reverso* porque Silviano vem avançando suas reflexões teóricas e críticas ao longo da vida retomando conscientemente os sentidos amalgamados – melhor seria dizer *suplementarizados* - ao conceito ao longo dos anos, como acontece na passagem acima, a partir do momento em que ele comenta sobre o conceito e o suplementa.

Já do texto de Denilson Lopes, “Do ‘entre-lugar’ ao transcultural”, transcrevo estas duas passagens, nas quais o autor discute precisamente o conceito de *entre-lugar*:

O “entre-lugar” desterritorializa o nacional, como os brasileiros em Nova York de *Stella Manhattan* e tantos outros personagens em trânsito pelas Américas em contos de *O banquete* a *Histórias mal contadas*, compondo verdadeira genealogia de uma diáspora tupiniquim que se firma nos últimos decênios. Reflexão que encontra eco e diálogo no ensaio que dá nome ao livro *O cosmopolitismo do pobre* (2004), enfocando não só os intelectuais, mas as solidariedades transnacionais criadas a partir de migrações de trabalhadores, movimentos sociais e ONGs, para quem a cultura não é só mercadoria, mas recurso para um desenvolvimento econômico integrado à constituição de cidadania, [...]³⁹

O “entre-lugar” é estratégia de resistência que incorpora o global e o local, que busca solidariedades transnacionais através do comparativismo – para apreender nosso hibridismo -, fruto de quebras de fronteiras culturais.⁴⁰

³⁹ LOPES. Do “entre-lugar” ao transcultural, p. 417.

⁴⁰ LOPES. Do “entre-lugar ao transcultural, p. 422.

Nas duas passagens acerca do conceito de *entre-lugar*, Denílson repete a expressão *solidariedades transnacionais*, a qual, de acordo com o próprio texto do autor, pode ser pensada como uma paisagem transcultural, lugar esse metaforizado pelo *entre-lugar*: “Essas paisagens transculturais que procuramos delinear são ‘entre-lugares’”, afirma o autor. Tais paisagens encenadas a partir do *entre-lugar*, da perspectiva pós-colonialista, podem ser entendidas também como transfronteiriças e transmodernas, na medida em que, seguindo o texto de Denílson, se, por um lado, são paisagens de *formas fluidas e irregulares*, por outro, essas paisagens, que não deixam de ser situadas no espaço, *são lugares em que podemos viver mais, muito mais*. O *entre-lugar* encenado como uma paisagem transcultural entreabre para mais um lugar que nos permite pensar em uma literatura comparada pós-colonial elaborada e praticada no Brasil, a partir do intelectual Silviano Santiago, cujo exercício comparatista não cessa de *aprender a desaprender*, ou de *comparar para descomparar* pós-colonialmente nesses nada tristes trópicos.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávilla, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1998.
- BOTELHO, André. Sinal dos tempos: anacronismo e atualidade de *Uma literatura nos trópicos*. In: SANTIAGO. *Uma literatura nos trópicos*: edição ampliada. Recife: Cepe, 2019. P. 361-379.
- GOMES, Renato Cordeiro. Cosmopolitismos. In: PEDROSA, Célia, SUSSEKIND, Flora, DIAS, Tania (org.) *Crítica e valor*: seminário em homenagem a Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014.
- LOPES, Denílson. Do “entre-lugar” ao transcultural. In: SANTIAGO. *Uma literatura nos trópicos*: edição ampliada. Recife: Cepe, 2019. 415-427.
- NOLASCO, Edgar Cêzar. *Literatura comparada descolonial*. Campinas: Pontes Editores, 2025.
- SANTIAGO, Silviano. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial: um depoimento. In: NOLASCO, Edgar Cêzar; MEDEIROS, Pedro Henrique Alves de (org.). *Um livro para Silviano Santiago*: entre-lugares críticos e literários. Campinas: Pontes Editores, 2020. P. 31-51.

SANTIAGO, Silviano. *O grande relógio*: a que hora o mundo recomeça (Caderno em andamento 1). São Paulo: Editora Nós, 2024.

SANTIAGO, Silviano. *Fisiologia da composição*: gênese da obra literária e criação em Graciliano Ramos e Machado de Assis. Recife: Cepe, 2020.

SANTIAGO, Silviano. Ficção teórica. In: SANTIAGO. *Aos sábados, pela manhã*: sobre autores e livros. Organização e prefácio de Frederico Coelho. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

SANTIAGO, Silviano. Atração do mundo: políticas de globalização e de identidade na moderna cultura brasileira. In: SANTIAGO. *O cosmopolitismo do pobre*: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SOUZA, Eneida Maria de. Silviano Santiago, Autor de Derrida. In: SOUZA. *Narrativas impuras*. Recife: Cepe, 2021. P. 217-224.

SOUZA, Eneida Maria de. *Narrativas impuras*. Recife: Cepe, 2021. P. 217-224.

Artigo Recebido em: 11 de agosto 2025.

Artigo Aprovado em: 21 de outubro de 2025.